

» Relatório anual integrado; mais um passo na direção da transparência nas organizações

Madrid » 10 » 2018

O relatório integrado é a melhor maneira de obter um panorama completo do valor das empresas, superando as limitações dos relatórios tradicionais (Eccles e Krzus, 2010, Jensen e Berg, 2012, Abeysekera, 2013).

Uma das consequências da entrada em vigor do regulamento da *Markets in Financial Instruments Directive* (MiFID II), em 3 de janeiro de 2018, é que o contato entre emissores e investidores não tem mais a mediação direta do *sell side*. Neste contexto, o relatório integrado é uma oportunidade para fornecer as informações adequadas aos mercados e garantir que a *equity story* das empresas seja compreendida.

O relatório integrado deve ser elaborado seguindo as diretrizes estabelecidas pelo quadro do Conselho Internacional de Relatórios Integrados (IIRC, em sua sigla em inglês), incorporando informações sobre o contexto e a estratégia da empresa. Além disso, deve descrever os riscos e avaliar o desempenho do Grupo e seu modelo de negócios a médio prazo. Não apenas do ponto de vista financeiro, mas também no que diz respeito às relações com os principais grupos de interesse: clientes, empregados, acionistas, reguladores, fornecedores e a sociedade em geral.

Até o momento, 32 empresas listadas no Ixex 35 elaboram um relatório integrado. No entanto, poucos proporcionam informações verdadeiramente integradas e fazem um exercício de

transparência que fornece uma visão de longo prazo da empresa em questão. **O relatório integrado deve ser entendido como o documento-mãe de todas as entidades listadas na Bolsa e estruturar a comunicação com todos e cada um dos stakeholders da empresa. Deve ser a fonte da equity story da entidade, podendo ser atualizável para a comunidade financeira.**

Tentemos lançar um pouco mais de luz sobre essa nova tendência proposta pelo relatório integrado. Vamos primeiro ao seu organismo promotor: o Conselho Internacional de Relatório Integrado (IIRC), que, em seu nascimento no início de 2011, fez a seguinte definição: "*Integrated Reporting* é um processo baseado no pensamento integrado que traz, como resultado, um relatório periódico integrado de uma organização sobre a criação de valor ao longo no tempo e comunicações relacionadas a aspectos de criação de valor". A definição não poderia ser mais confusa, mas seu segundo parágrafo é mais esclarecedor: "Um relatório integrado é uma comunicação concisa sobre como a estratégia, a governança, o desempenho e as perspectivas de uma organização, no contexto de seu ambiente externo, conduzem à criação de valor a curto, médio e longo prazo".

O IIRC é uma coalizão global, que reúne reguladores, investidores, empresas, emissores de normas, profissionais contábeis e organizações não-governamentais. O órgão projeta a comunicação sobre a criação de valor como o próximo passo na evolução da informação corporativa. A missão do IIRC é estabelecer um sistema integrado de apresentação de relatórios e de pensamentos dentro das práticas empresariais gerais como norma nos setores público e privado.

O IIRC aplica princípios e conceitos que se centram em aportar maior coesão e eficiência ao processo de elaboração de relatórios e em adotar o pensamento integrado como uma forma de romper os silos organizacionais e reduzir as duplicidades e ineficiências comunicacionais que existiram, até bem pouco tempo, no seio de inúmeras grandes organizações. Por sua vez, melhora a qualidade das informações disponíveis para os provedores de capital financeiro, permitindo uma alocação mais eficiente e produtiva do capital. Seu foco está na criação de valor e nos capitais utilizados pela empresa para criar valor ao longo do tempo, contribuindo para impulsionar uma economia mundial mais estável do ponto de vista financeiro.

O marco foi publicado após amplas consultas e testes realizados por empresas e investidores de todas as regiões do mundo, incluindo 140 companhias e investidores de 26 países que participaram do programa piloto do IIRC. O propósito do marco é estabelecer os princípios orientadores e os elementos de conteúdo que regem o conteúdo geral de um relatório integrado e explicar os conceitos fundamentais que o sustentam. De fato, desde a publicação de seu primeiro rascunho, em 2011, e especialmente com a publicação da versão definitiva do guia em dezembro de 2013, a estrutura de relatórios integrados está se tornando uma ferramenta útil de reporte corporativo, que permite às empresas ilustrar sua capacidade de criar valor sustentável a curto, médio e longo prazo. Além disso, no mercado espanhol, e após a transposição da Diretiva de Relatórios Financeiros (BOE RD 18/2017,



de 24 de novembro de 2017), esse arcabouço ganhou uma nova importância como um dos padrões que facilitam o cumprimento das obrigações da diretiva acima referida.

A globalização e a interconectividade fizeram com que as finanças, as pessoas e o conhecimento do mundo passassem a estar irremediavelmente ligados, como demonstra a crise financeira global. Na esteira da crise econômica, o desejo de promover a estabilidade financeira e o desenvolvimento sustentável, vincular melhores decisões de investimento, o comportamento empresarial e a elaboração de relatórios tornou-se uma necessidade global. As empresas precisam de uma evolução no sistema para informar, facilitar e comunicar megatendências sem a complexidade e a inadequação dos requisitos atuais de informação. Atualmente, há importantes lacunas de informação nos relatórios, e organizações como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI) pedem que se preste maior atenção a aspectos como o risco e o desenvolvimento futuro.

Relatórios integrados foram criados para melhorar a prestação de contas, a gestão e a confiança, bem como para aproveitar o fluxo de informações e a transparência das empresas que a tecnologia forneceu para o mundo moderno. Proporcionar aos investidores e aos demais stakeholders as informações necessárias para tomar decisões mais eficazes de alocação de recursos possibilitará um melhor desempenho do investimento a longo prazo.

Na Espanha, destaca-se o acertado papel de promotor da informação integrada que, desde 2012, está sendo assumido pela Associação Espanhola de Contabilidade e Administração de Empresas (AECA). Em 8 de março de 2018, e por ocasião da entrada em vigor da Transposição da Diretiva do Parlamento Europeu e do Conselho sobre Informações Não-Financeiras e Diversidade, a AECA organizou uma grande jornada. Nela, foram apresentados os aspectos mais relevantes para as empresas afetadas e algumas soluções para a elaboração do novo relatório obrigatório, ou Estado das Informações Não Financeiras, como aquele representado pelo modelo "Tabela Integrada de Indicadores CII-FESG e sua taxonomia XBRL", referenciada pela norma espanhola antes mencionada.

Com a intervenção do Instituto de Contabilidade e Auditoria de Contas (ICAC), a Comissão Nacional do Mercado de Valores (CNMV), a PwC e o diretor de *reporting* financeiro do BBVA, se lança luz sobre a importância de tornar eficientes os necessários e complexos processos de *reporting*, romper silos e, sobretudo, dotar de mais transparência informativa as empresas. Além disso, se valorizou a importância de fornecer capacidade de tomada de decisão a investidores, acionistas e demais *stakeholders* sobre o que as empresas são e aspiram ser.

Possivelmente, a melhor maneira de entender o que um relatório integrado pretende ser é ler alguns dos exemplos que existem na Espanha. Em seu banco de dados acadêmico, o próprio IIRC destaca como melhores práticas aquelas adotadas pela *Iberdrola*, *Ferrovial* e *Indra*. Da mesma forma, reconhece os relatórios anuais integrados da *Inditex*, *Telefónica*, *Enagas*, *Abengoa*, *Meliá*, *Prosegur*, *Acciona* e da *CaixaBank*. Em nosso país, o Código do Comércio, a Lei das Sociedades por Capital, o Real Decreto de transposição da diretiva de informações não financeiras e as próprias recomendações da CNMV parecem claramente apoiar este *approach* do IIRC.

Hoje, existem mais de 1.600 organizações, em 65 países, que elaboram um relatório anual integrado seguindo a estrutura do IIRC e que, portanto, comunicam de forma transparente as informações relevantes de suas empresas e seu impacto na sociedade, mostrando sua narrativa de criação de valor a curto, médio e longo prazo. Desta forma, cada um dos seus grupos de interesse pode confiar nas informações e tomar decisões. Em inglês, fala-se em narrar um "story" do presente e do futuro da empresa, mas se traduzíssemos a expressão para o português apenas como "história", pareceria que estamos nos referindo ao passado, quando é precisamente o oposto.

Tampouco devemos ignorar a solvência e a importância dos membros do conselho consultivo do IIRC: *Blackrock*, *APG*, *Hermès*, as *big four* da área de auditoria – *Deloitte*, *PwC*, *EY* e *KPMG* – *GRI*, *CDP*, *IASB*, *IOSCO*, *WEF*, *Transparência Internacional*, *Nações Unidas*, *PRI* ou o próprio Banco Mundial são alguns dos mais importantes.

“O relatório integrado deve descrever tanto a estratégia da empresa quanto sua geração de valor no curto, médio e longo prazo”

A mais recente iniciativa liderada pelo Conselho de Estabilidade Financeira (FSB, em sua sigla em inglês), denominada *Taskforce on Climate related Financial Disclosure* (TCFD) e chefiada pelo ex-prefeito de Nova York, Michael Bloomberg e pelo presidente do FSB e governador do Banco da Inglaterra, Mark Carney, tem muito a ver com o que estamos falando aqui. Neste fórum, são expostas **informações de riscos climáticos e de impacto ambiental como variáveis de gestão empresarial que precisam de indicadores claros e comparáveis para poder mostrar o impacto das ações das empresas. Da mesma forma, permite avaliar o valor da gestão que as empresas realizam e o impacto em sua estabilidade financeira e no sistema econômico.** As declarações de Michael Bloomberg resumem muito bem tudo o

que foi discutido: "aumentar a transparência torna os mercados mais eficientes e as economias mais estáveis e resistentes". De fato, em setembro de 2018, treze empresas espanholas deram seu apoio expresso a essa iniciativa e não por coincidência, todas elas foram mencionadas anteriormente neste artigo.

O que caracterizam os relatórios integrados? A primeira delas é que o Conselho de Administração da empresa deve reconhecer sua importância e garantir sua integridade. Ficou para trás o tempo em que o relatório de sustentabilidade era apresentado à Diretoria, mas este não o aprovava posteriormente. Atualmente, exige-se responsabilidades totais quanto a informações sobre temas ambientais, sociais, éticos e governamentais. Além disso, estas devem estar integradas às demais informações econômico-financeiras, governamentais e de gestão.

Em segundo lugar, **o relatório integrado deve descrever tanto a estratégia da empresa quanto sua geração de valor no curto, médio e longo prazo.** Além disso, não pode haver informações equivocadas, como acontecia no passado, apenas para cumprir qualquer norma ou regulamento. Portanto, toda informação tem que fluir e estar conectada com a racionalidade em direção a essa criação de valor.

Um relatório integrado deve indicar quais são os principais grupos de interesse; os temas que são importantes para a empresa; como a organização responderá a cada um deles; e suas implicações na criação de valor ao longo do tempo. Isso, no jargão do *reporting*, é chamado de materialidade. A informação deve ser concisa, confiável, consistente no tempo e comparável.

Por fim, lancemos um olhar sobre os conteúdos a que o relatório integrado deve responder:



O CEO da Unilever, Paul Polman, começou a mostrar, em 2010, uma rejeição aos resultados trimestrais que vinham se espalhando entre outras empresas. Trata-se de um fenômeno vinculado ao crescente interesse em relatar tudo o que afeta a criação de valor da empresa, tanto no médio quanto no longo prazo. Em junho de 2018, Jamie Dimon, CEO da JP Morgan, o maior banco do mundo, e o CEO da *Berkshire Hathaway*, Warren Buffet, assinaram um artigo no diário econômico norte-americano *The Wall Street Journal*, intitulado *Short termism is harming the economy*. Nele, seguiram nessa linha. Mesma tese seguida pelo CEO do maior gestor de ativos do mundo na carta de 30 anos, enviada em janeiro de 2018, na qual dirigia-se aos CEOs das empresas em que investe, sob o sugestivo título *A sense of Purpose*.

São inúmeras as iniciativas nesse sentido e até mesmo a criação de *think tanks*, como o *Focusing Capital on the Long Term* (FCLT), que, em um relatório recente, intitulado *Moving Beyond Quarterly Guidance*, afirmava: "desde 2005, a pesquisa tem apontado, consistentemente, que a grande maioria dos executivos pensa que a pressão de curto prazo está aumentando, que suas decisões de negócios estão mudando e que essas mudanças estão destruindo valor. Uma forma eficaz das empresas combaterem esse fenômeno é afastando-se da diretriz trimestral de lucro por ação (EPS, em sua sigla em inglês) e, em seu lugar, fornecer aos investidores um roteiro de longo prazo focado nos fatores econômicos fundamentais do negócio e vinculados à perspectiva da administração sobre os principais indicadores críticos de desempenho (KPIs)."

Estamos convencidos de que, à medida que o movimento de *integrated reporting* avance, veremos menos e melhores informações das empresas. E também sabemos que, quanto mais concretização, eficiência e coordenação, a dificuldade de elaborá-lo será menor. Não se trata de converter o relatório integrado em mais um relatório (integração de relatórios), mas

ao contrário. Deve integrar as contas anuais com o seu relatório de gestão (na Espanha, ficou conhecido como *cajón de sastre*), o relatório de governança corporativa e o de sustentabilidade, elaborados em uma perspectiva de criação de valor a curto, médio e longo prazo. **Não deve ser uma foto publicada seis meses após o encerramento do exercício. Deve parecer mais um equity story ao vivo para investidores do que um box de compliance.**

Trata-se de um relatório destinado a todos os *stakeholders*, em seu conjunto, mas com um foco claro no mercado de investimento. Menos é mais. Falar de longo prazo, romper com os silos e integrar esforços de comunicação das diferentes áreas: Financeira, Estratégia, Diretoria Executiva, Secretarias dos Conselhos, Sustentabilidade, RSC e Relações com investidores. Os tempos mudaram: estamos assistindo a uma quarta revolução industrial graças às novas tecnologias e as obrigações de informações financeiras e não financeiras não estão alheias a estas mudanças.

O preconizado *integrated thinking* passa por um *integrated reporting* e este, por um *integrated auditing & assurance*, que também devem ser *integrated standards*, se nos permite tantos anglicismos. O relatório anual integrado é a consequência de tudo isso e busca a transparência, a proteção, a criação de valor e a projeção de futuro para os grupos de interesse de uma organização.

É muito recente, mas tem sentido e é difícil encontrar alguém responsável que não veja sua lógica estratégica. Agora, pobres coordenadores deste exercício em grandes empresas que, dentro da área de Contabilidade Financeira ou mesmo na de Relações com Investidores, estão passando por dificuldades especiais em razão do surgimento de uma tendência ainda incipiente, mas que conta com as garantias necessárias para se tornar o padrão de relatórios corporativos. **Transparência pura com letras maiúsculas e, portanto, pura elegibilidade.**



Meritzell Pérez é Diretora de Relações com Investidores na Área Corporativa Financeira da LLORENTE & CUENCA. Meritzell Pérez é licenciada em Administração e Direção de Empresas pelo CUNEF, especializando-se em Auditoria. Conta com mais de 16 anos de experiência no mercado financeiro tendo, nos últimos 12 anos, desenvolvido esta atividade nos departamentos de Relações com Investidores da Clínica Baviera e da cadeia hoteleira Sol Meliá. Anteriormente, trabalhou em vários projetos, incluindo a criação da representação comercial da Embaixada de Espanha na Lituânia. Pérez trabalhou dois anos na Deloitte como auditora de serviços financeiros, tendo iniciado a carreira profissional no BBVA, em Paris. Desde que ingressou na LLORENTE & CUENCA, tem

liderado estratégias de comunicação financeira e relações com investidores em grandes empresas e fundos internacionais.

mperez@llorenteycuenca.com



Tomás Conde é Assessor Sênior em comunicação financeira da LLORENTE & CUENCA. Tomás Conde possui experiência de 25 anos no setor financeiro com especialização em sustentabilidade, Responsabilidade Social Empresarial, finanças sustentáveis, mudanças climáticas e inclusão financeira digital. Tomás ingressou no setor bancário em 1993 e ocupou vários cargos, incluindo o de Diretor de Riscos na BEX no Panamá e posições em Bancos de Varejo, Bancos Corporativos e Bancos Industriais. É diretor de sustentabilidade do BBVA há mais de dez anos e foi responsável pela inclusão financeira da instituição no IIF, em Washington. Representou o BBVA em órgãos das Nações Unidas, como a UnepFI, PRI, Global Compact, Global Compact e outras iniciativas multilaterais sobre sustentabilidade, além de ISR, como GRI, IIRC ou SpainSIF. Economista, Mestre em Engenharia e Gestão Ambiental pela EOI Business School, Tomás também tem uma certificação ESG pela EFFAS e outra em moedas digitais pela Tufts University MA. Ele é professor de sustentabilidade no Instituto de Empresa e outras importantes escolas de negócios. Autor de artigos, estudos e conferencista.

tconde@llorenteycuenca.com





Desenvolvendo Ideias é o Departamento de Liderança através do Conhecimento da LLORENTE & CUENCA.

Porque estamos testemunhando um novo modelo macroeconômico e social. E a comunicação não fica atrás. Avança.

Desenvolvendo Ideias é uma combinação global de relacionamento e troca de conhecimentos que identifica, se concentra e transmite os novos paradigmas da comunicação a partir de uma posição independente.

Porque a realidade não é preta ou branca existe **Desenvolvendo Ideias** na LLORENTE & CUENCA

www.desenvolvendo-ideias.com
www.revista-uno.com.br

